

CAPÍTULO 3

MARCADORES DISCURSIVOS NA FALA BILÍNGUE TALIAN-PORTUGUÊS BRASILEIRO: LIMITES DE ANÁLISE ENTRE EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO, *CODE-SWITCHING* E *CODE-MIXING*

Tamires Regina Zortéa & Cláudia Andrea Rost Snichelotto

3.1 INTRODUÇÃO

O português é a língua majoritária falada em todo território brasileiro e se encontra em contato com línguas minoritárias de comunidades indígenas, afro-brasileiras, de imigração e de sinais. Além do contato linguístico interno, o português convive com variedades do espanhol falado nos países que fazem fronteira geopolítica com o Brasil. Apesar da discrepância sobre o quantitativo de línguas faladas em nosso território (cf. FREITAG; SAVEDREDA, 2022), incipiente também é o conhecimento sobre elas, incluindo a língua talian, que é objeto de estudo desta pesquisa. Compreendido como língua de imigração italiana¹ no Brasil, o talian emergiu de uma situação de

1 “À categoria língua de imigração compreendem todas as línguas introduzidas no Brasil durante o período historicamente reconhecido como imigratório, as quais são faladas por comunidades de imigrantes e de descendentes de imigrantes que, em solo nacional, preservaram seus costumes, sua cultura e sua língua de origem [...]” (CAMBRUSSI, 2007, p. 58).

contato linguístico, quando falantes do dialeto vêneto interagiram com outras variedades do italiano, faladas principalmente na região Norte da Itália, e as variedades do português, faladas principalmente na região Sul do Brasil (IPHAN, 2014). Muitas das variedades do italiano migraram ao Brasil, como o caso do vêneto, que perdeu consideravelmente seu espaço na Itália com a unificação político-linguística, mas foi levado a outros países com a imigração, ocasionando o contato de línguas e o surgimento, por exemplo, do talian. Embora a língua talian esteja vinculada, historicamente, aos dialetos provenientes do Norte da Itália, apresenta características próprias, derivadas do contexto brasileiro com o qual estiveram em contato, o que a difere da matriz original e também de outras regiões brasileiras, segundo certidão emitida pelo Comitê Técnico do Inventário Nacional de Diversidade Linguística (MinC/IPHAN, 2014). Atualmente, o talian é reconhecido como língua cooficial em 17 municípios brasileiros² e certificado como Referência Cultural Brasileira pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) em 2014, conforme título emitido pelo Ministério da Cultura.

O talian constituiu-se no Brasil devido à necessidade de interação entre os imigrantes que falavam diferentes dialetos italianos, primeiramente, como língua exclusivamente oral, no entanto, atualmente, já conta com exemplares escritos, como dicionários, tradutores, gramáticas e obras de literatura, por exemplo, as obras de Luzzatto (1994, 2010), Tonial (1997), Castel, Loregian-Penkal e Tonus (2021) dentre outros. A seguir vemos alguns excertos de fala talian:

Fursi vago anca mi a l'Itàlia ntel pròssimo istà. (Talvez eu também vá à Itália no próximo verão);

Almanco fusse vera! (Se ao menos fosse verdade!);

Qua, ira noantri, ghe ze solche gente bianca. (Aqui, entre nós, só existem brancos);

Ndove zelo ndato? Elo ndato là su ntel monte o là zo ntel rieto? (Onde é que ele foi? Terá ido lá em cima do monte ou lá embaixo no riacho?);

Meno mai che la tiremo avanti. (Menos mal que avançamos [prosperamos]);

Continua cossì che presto te deventarè sior. (Continua assim que logo logo ficarás rico);

Se te vè a pian, te vè lontan. (Se fores devagar, irás longe);

2 A lista de municípios brasileiros em que o talian é língua cooficial é constantemente atualizada em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/>.

Bati forte sinò no i te scolta. (Bate forte, caso contrário não te ouvem). (LUZZATTO, 1994, p. 32-33)

Esse ambiente cultural italiano, retratado no Brasil por meio da fala e da escrita, também conta ainda hoje com meios de manutenção e disseminação de hábitos e costumes dos povos (i)migrantes no município de Caibi, localizado na região Oeste de Santa Catarina, no qual a italianidade³ prevalece a partir da realização periódica de apresentações musicais e programas radiofônicos nas línguas locais.

O programa radiofônico *Un Pochetin dela Itàlia*, transmitido aos domingos, das 6 às 9 horas da manhã, pela Rádio Caibi 96.7 FM e pela Internet, é produzido inteiramente na língua talian por um locutor e produtor proficiente nessa língua e é voltado para os descendentes de italianos, que mantêm o talian como língua de comunicação em contextos públicos e privados, mesmo não sendo sua língua materna.⁴

Além das obras citadas, também já é possível localizar pesquisas linguísticas de descrição sobre o contato entre o português brasileiro-talian. Um estudo sobre usos linguísticos (ZORTÉA, 2019) mostrou que, embora o programa tenha como objetivo a transmissão em talian pelo desejo de preservação e disseminação da língua minoritária, houve recorrência de uso de palavras e expressões de diferentes categorias gramaticais do português brasileiro pelo locutor.

Considerando que o locutor é bilíngue (talian-português brasileiro), a observação da recorrência de elementos linguísticos de uma língua a outra pode auxiliar na compreensão dos diferentes tipos de processos de contato linguístico, como o empréstimo, a alternância de código (*code-switching*) e a mistura de código (*code-mixing*). Para isso, selecionamos uma categoria linguística específica, a dos marcadores discursivos (MDs), que, dada a sua função pragmática e interacional, são muito recorrentes na fala do locutor do programa radiofônico. Contrariamente à generalização de que apenas palavras de conteúdo, como substantivos, verbos e adjetivos, provavelmente, serão emprestadas em situações de contato, itens discursivos podem ser extremamente permeáveis e suscetíveis a empréstimos no discurso bilíngue (CARVALHO; KERN, 2019 entre outros). Segundo Muysken (2000), essa permeabilidade é ainda mais robusta em situações em que as línguas cognatas estão em contato prolongado, uma vez que se

3 A identidade étnica ítalo-brasileira leva até hoje os descendentes a participarem de atividades voltadas à cultura italiana, como danças, culinária, festas tradicionais e encontros. Essa forma de manutenção da cultura, bem como o uso de variedades da língua italiana no Brasil, compõem a italianidade, descrita por Santos e Zanini (2009) como um “sentimento de pertencimento”.

4 Altenhofen (2002, p. 159) define a língua materna “como um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes que engloba, em uma situação normal, válida para um determinado momento da vida do falante, a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, d) apresentando-se, porém, geralmente como língua dominante, e) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, e, por isso, f) provida de um valor afetivo próprio. Em relação ao bilinguismo precoce e simultâneo, é pertinente admitir a possibilidade de falantes com duas línguas maternas, contendo os traços mencionados acima”.

espera que estruturas congruentes e semelhanças lexicais facilitem o empréstimo. É esse também o entendimento de Andersen (2014, p. 19, tradução nossa): “[...] o significado de interjeições, MDs e outros fenômenos pragmáticos é notoriamente difícil de definir, descrever metalinguisticamente ou traduzir; no entanto – ou talvez precisamente por isso – eles são comumente emprestados entre línguas”.⁵ Todavia, há quem discorde desse ponto de vista e afirme que partes do discurso que são mais gramaticais e menos lexicais são menos prováveis de serem emprestadas; assim, por exemplo, interjeições e MDs seriam candidatos improváveis a serem emprestados (TORRES, 2002).

O levantamento bibliográfico feito por Torres (2002) constatou uma relação direta entre empréstimo e troca de código, levantando a hipótese de que MDs emprestados inicialmente entram na língua por meio de troca de código. Em alguns casos, MDs emprestados substituem MDs nativos; eles também podem aparecer além dos MDs nativos. Em outras situações, podem funcionar em distribuição complementar com MDs nativos ou servir como dispositivo metalinguístico específico.

Nesse texto, nosso interesse recai sobre a análise dos MDs na fala de um apresentador bilíngue em duas línguas cognatas (talian-português brasileiro) do programa radiofônico *Un Pochetin dela Itàlia*. Desejamos verificar a presença de MDs do português brasileiro na fala talian e se uma forma linguística e um significado/função particular transferido do português brasileiro para o talian é resultado de qual fenômeno do contato linguístico: empréstimo linguístico, alternância de código (*code-switching*) e mistura de código (*code-mixing*).

A fim de dar conta de nosso objetivo, estruturamos este texto em quatro partes. Na primeira seção, apresentamos a categoria gramatical dos MDs, em uma perspectiva contrastiva. Na próxima seção, caracterizamos brevemente os fenômenos de contato linguístico (empréstimo linguístico, alternância de código e mistura de código) que podem ser aplicados para a análise dessa transmissão de rádio, revelando os limites metodológicos de cada conceito. Na seção seguinte, passamos à análise dos MDs identificados na fala do locutor de *Un Pochetin dela Itàlia* e apresentamos alguns resultados qualitativos dessa análise e, por fim, na última seção, expomos as considerações finais.

3.2 MARCADORES DISCURSIVOS: FORMAS, FUNÇÕES E CONTATO LINGUÍSTICO

Historicamente, Schiffrin (1987, 2003) foi quem apresentou um estudo pioneiro sobre a forma e a função de MDs do inglês (*and, but, or, because, well, so, now, then, oh, I mean, y'know*). No Brasil, Said Ali (1971 [1930] *apud* URBANO, 1994) foi precursor na descrição das expressões de situação – ou MDs. Posteriormente, outros trabalhos descritivos sobre MDs (CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; SILVA;

5 No original: “[...] the meaning of interjections, and discourse markers and other pragmatic phenomena, is notoriously hard to pin down, describe metalinguistically, or translate; nevertheless -- or perhaps precisely therefore -- they are commonly borrowed between languages”. (ANDERSEN, 2014, p. 19).

MACEDO, 1989) têm impulsionado dezenas de pesquisas sobre o português do Brasil nas últimas décadas, por exemplo, Risso e colaboradores (1996, 1999, 2006), Martelotta et al. (2004), Rost (2002), Freitag (2008), Rost Snichelotto (2009), Freitag, Barros e Evangelista (2017), Görski (2020) e Rost Snichelotto e Dal Mago (2021), entre outras.

Também os estudos contrastivos sincrônicos e diacrônicos sobre os MDs, embora mais escassos, têm se proliferado em muitas línguas. Citem-se, por exemplo, as pesquisas de Salmons (1990) sobre MDs do inglês (*well* e *you know*) empregados nas variedades alemãs americanas faladas no centro do Texas (e outras áreas), de Sankoff et al. (1997) sobre o uso de MDs do francês anglófono de Montreal, de Torres (2002) sobre os MDs de língua inglesa nas narrativas orais de língua espanhola de porto-riquenhos de Nova York, de Hlavac (2006), que examinou a frequência e a funcionalidade MDs de origem inglesa (*you know*, *so* e *like*) em comparação com os croatas (*znaš/znaće*, *te/pa/tako da/ i tako e kao*), de Waltereit e Detges (2007), que analisaram diacronicamente o uso de *bien* e *bueno* em espanhol e francês, e de Oliveira e Silva (2020), que investigaram *bom* e *bem* em português europeu em comparação a *well* em inglês. Ainda, a comparação interlínguas entre formas e funções de *tag questions* (MDs) foi efetuada por Carvalho e Kern (2019) nas variedades faladas por bilíngues português-espanhol e por González e Silvano (2022) em inglês britânico e português europeu.

Devido a sua multiplicidade de formas e por serem provenientes de diversas categorias, os MDs não se enquadram em uma classe gramatical prototípica (ROST SNICHELOTTO; GÖRSKI, 2011) e tendem a não se vincularem sintaticamente à oração na qual se localizam; fixam-se, prototipicamente, em posição inicial ou final do enunciado, embora haja exemplos de MDs que ocupam outras posições. Todavia, em grande parte das vezes,

Do ponto de vista sintático, eles são definidos como elementos marginais que não exercem uma função dentro da sentença predicativa e que em geral estão localizados - mesmo quando possuem certa mobilidade dentro da sentença - na posição inicial em relação ao membro discursivo que introduzem (NEGRONI, 2014, p. 5-6, tradução nossa).⁶

Além da tendência sintática de os MDs se situarem fora da oração e da predicação principal, outra característica desses itens é a possibilidade de apresentarem redução fonética e serem acompanhados de pausa (BYBEE, 2020).

Não só as pesquisas sobre a ampla diversidade de classes e formas recobertas pelo rótulo de MDs têm se ampliado, mas os estudos sobre as funções desempenhadas por esses itens linguísticos vêm crescendo também, especialmente pela percepção de que

6 No original: “Desde el punto de vista sintáctico, se definen como elementos marginales que no ejercen función dentro de la predicación oracional y que en general se ubican – aun cuando tengan cierta movilidad dentro de la oración – en posición inicial respecto dell miembro discursivo que introducen” (NEGRONI, 2014, p. 5-6).

“A principal função dos MDs é relacionar um enunciado à situação do discurso, mais especificamente a interação falante-ouvinte, atitudes do falante e/ou organização de textos”⁷ (HEINE, 2013, p. 121).

Caldiz (2014, p. 97, tradução nossa), acerca da funcionalidade dos MDs, explica:

É amplamente sabido que os marcadores discursivos permitem estabelecer ligações textuais que dão conta da orientação e força argumentativa das declarações. Numerosos estudos relacionados a esse tema têm destacado a relevância dessas partículas na produção e interpretação do discurso, como aquelas, por exemplo, que se referem à oralidade [...].⁸

Destarte, os MDs auxiliam no entrelaçamento do texto, unindo ideias e permitindo a continuidade na fala, visto que a oralidade, diferentemente da escrita, é espontânea. Isso faz com que, em certos momentos, nos quais o emissor procura conteúdo para continuar sua fala, ele busque meios de quebrar o silêncio, ao mesmo tempo que consegue um momento para pensar e prosseguir. Dessa forma, os MDs exercem funções semântico-pragmáticas que indicam a atitude do falante ora orientada para si próprio, ora para o ouvinte, ora para a situação comunicativa. “A fala, portanto, é marcada por constantes pós-reflexões, reavaliações e adendos [...]. Os marcadores são usados para viabilizar o processamento das informações na fala, [...] ajudar o falante a ganhar tempo para reorganizar suas idéias” (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 33).

O MD, à vista disso, é usado, dentre outras inúmeras funções, para organizar e reorganizar a fala, principalmente em momentos de insegurança do falante; para compensar e disfarçar falhas na memória; para organizar as relações textuais; e para dar continuidade à fala, para que o falante mantenha o turno (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996).

Vários estudos e em várias línguas – como francês-inglês (SANKOFF et al., 1997), espanhol porto-riquenho-inglês (TORRES, 2002), croata-inglês (HLAVAC, 2006), português brasileiro-espanhol (CARVALHO; KERN, 2019), inglês britânico-português europeu (GONZÁLEZ; SILVANO, 2022), português brasileiro-talian (LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021) dentre outras – têm investigado a tendência à incorporação de características discursivas pragmáticas dos MDs da língua majoritária (sociopoliticamente mais dominante) nas línguas minoritárias. Assim, as pesqui-

7 No original: “The main function of DMs is to relate an utterance to the situation of discourse, more specifically to speaker-hearer interaction, speaker attitudes, and/or the organization of texts [...]” (HEINE, 2013, p. 121).

8 No original: “Es amplamente sabido que los marcadores discursivos permiten establecer enlaces textuales que dan cuenta de la orientación y fuerza argumentativa de los enunciados. Numerosos estudios relativos a este tema han resaltado la relevancia de estas partículas en la producción e interpretación del discurso, como aquellos, por ejemplo, referidos a la oralidad [...]” (CALDIZ, 2014, p. 97).

sas mostraram que a alta permeabilidade dos traços discurso-pragmáticos pode levar a dois comportamentos distintos dos MDs em uma situação de intenso contato linguístico:

A incorporação de MDs emprestados resultam no deslocamento dos nativos (cf. SANKOFF et al., 1997; HLAVAV, 2006; CARVALHO; KERN, 2019; GONZÁLEZ; SILVANO, 2022; LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2022); e a adição de MDs ao repertório da língua receptora para cumprir funções de discurso não cumpridas por MDs nativos (CARVALHO; KERN, 2019).

A variação nos repertórios individuais e na frequência de uso de MDs (*tu sais* ‘y’know’, *là* ‘there’, *bon* ‘good’, *alors* ‘so’, *comme* ‘like’, *bien* ‘well’ e *fait que* ‘so’) foi atestada por Sankoff et al. (1997). Os falantes bilíngues francês-inglês de Montreal, no Canadá, ocasionalmente faziam uso dos MDs de inglês *you know*, *so*, *like* e *well*. MDs de francês quebequenses sem equivalente em inglês foram usados pelos falantes que foram expostos ao francês em seu ambiente de primeira infância. O único MD que mostrou influência do inglês foi *comme*, aparentemente emprestado do inglês *like*. No geral, o uso frequente de MDs correlacionou-se apenas com o conhecimento dos falantes da gramática francesa – evidência de que uma maior frequência de uso de MD é a marca registrada do falante fluente.

Além da frequência de uso, Hlavac (2006) examinou a funcionalidade MDs de origem inglesa em comparação com os croatas em uma amostra baseada em gravações da fala de bilíngues croata-inglês. Os resultados mostraram que as formas inglesas geralmente coocorrem com formas croatas e apenas substituem as formas croatas naqueles contextos em que as formas inglesas são polifuncionais ou executam mais funções que suas contrapartes croatas. Isso explica a maior frequência de MDs como *yeah* e *so*, enquanto formas como *no* e *you know* coocorrem no mesmo grau que seus equivalentes croatas. Quando um item croata, como *kao* (‘like’/como), pode cumprir mais funções do que seu equivalente em inglês, tem uma incidência maior do que *like*.

Carvalho e Kern (2019) também compararam formas e funções de *tag questions* nas variedades faladas por bilíngues português-espanhol. Os resultados indicaram que a presença generalizada de *né?* acrescenta evidências a afirmações anteriores de que o português uruguaio e o português brasileiro estão intimamente relacionados e a presença de *¿no?*, como um empréstimo direto do espanhol, em português uruguaio é mais generalizado entre os bilíngues do que o empréstimo de português *né?* em espanhol de Rivera. Também a comparação das funções desempenhadas pelas *tag questions* indicou que os bilíngues tendem a usar essas expressões para cumprir funções não condutivas, um comportamento à hipótese de ter sido influenciada pelo contato com o português.

Embora também tenham sido observadas disparidades gramaticais, González e Silvano (2022) afirmaram que as *tag questions* invariáveis e variáveis em inglês britânico e português europeu podem ser modeladas dentro do mesmo paradigma funcional, ainda que elas nem sempre possam ser intercambiáveis nos mesmos contextos principalmente devido a motivações funcionais. As autoras concluem que as *tag questions*, sejam invariáveis ou variantes, não são apenas mais usadas, mas também mais variadas funcionalmente em português do que em inglês.

A influência do contato linguístico português brasileiro-talian foi observada por Loregian-Penkal e Balthazar (2021). As autoras constataram uso bastante acentuado de termos e expressões do português brasileiro atuando como MDs nas entrevistas sociolinguísticas em talian com informantes de Santa Felicidade (Curitiba) e de Colombo, no Paraná. As formas mais recorrentes de MDs do português brasileiro foram *né?*, *ãh hã!*, *não?*, *ich!*, *é ou não é?* que exercem principalmente a função fática, ou seja, atuam na manutenção do ato comunicativo em curso. Segundo Loregian-Penkal e Balthazar (2021), os MDs *nò?*, *nolze?*, *è?*, *mia vera?*, *mia cossita?* poderiam ter sido utilizados pelos falantes, no contexto em que apareceram os MDs do português brasileiro, mas as autoras não indicam se essas formas de fato foram empregadas pelos falantes ao longo da entrevista sociolinguística.

Os estudos sintetizados nos parágrafos anteriores atestam uma tendência induzida pelo contato linguístico, ou seja, a probabilidade de a língua minoritária incorporar formas e características discursivas pragmáticas da língua majoritária. É essa predisposição que pretendemos observar nos dados da pesquisa empreendida por Zortéa (2019) sobre a fala do informante bilingue talian-português. Nas duas transmissões transcritas do programa, foram contabilizados um total de 19 diferentes tipos de MDs, totalizando 874 ocorrências dos itens, como os destacados nos trechos a seguir:

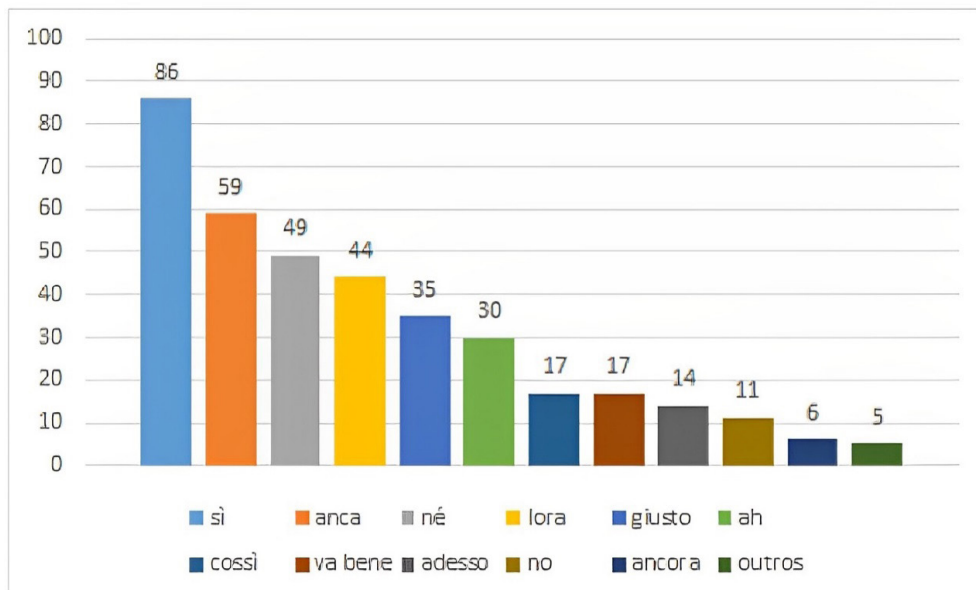
(1) *Ah porco polastrel, né? Scòmìnsia adesso il programa Un pochetin dela itàlia, con fròtole, stòrie, busie, ah sì, sì, sì, ndemo avanti recordando taliani e menemo la cultura italiana avanti anca, né?*⁹ (ZORTÉA, 2019, p. 109, grifos da autora)

Em (1), embora a interação seja em talian, os MDs empregados ao longo do excerto são formas do italiano e do português. **Ah** e **né?** são itens linguísticos altamente recorrentes no Português do Brasil (cf. URBANO, 1994; SILVA; MACEDO, 1989; MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996; RISSO, 1999, 2006; FREITAG, 2007, 2008; FERRONI; BIRELLO, 2015; FREITAG; BARROS; EVANGELISTA, 2017). **Ah** também é um MD não lexicalizado, como *ahn*, *eh eh*, e *oh*, empregado nas línguas portuguesa, italiana e talian e que apresenta funções comunicativas diversas (RISSO, 2006; FERRONI; BIRELLO, 2015; ZORTÉA, 2019). Em português, é proferido pelo locutor como forma especial de adiamento de um conteúdo tópico, durante a interação. No italiano, esse MD, segundo Ferroni e Birello (2015), expressa a confirmação de recepção de algo que foi falado. E **né?**, em português, que deriva da redução fonético-morfológica entre o advérbio e a forma verbal (não é?), desempenha funções diversas na interação – pergunta não retórica, pergunta secundariamente orientada para a resposta do ouvinte e manutenção e ritmo do turno do falante (MARTELOTTA; ALCÂNTARA, 1996; FREITAG, 2008; FREITAG; BARROS; EVANGELISTA, 2017).

9 **Ah porco polastrel, né?** Começa agora o programa Un Pochetin dela Itàlia, com anedotas, histórias, piadas, ah sim, sim, sim, vamos avante recordando italianos e levemos a cultura italiana avante também, né? (tradução de ZORTÉA, 2019, p. 108).

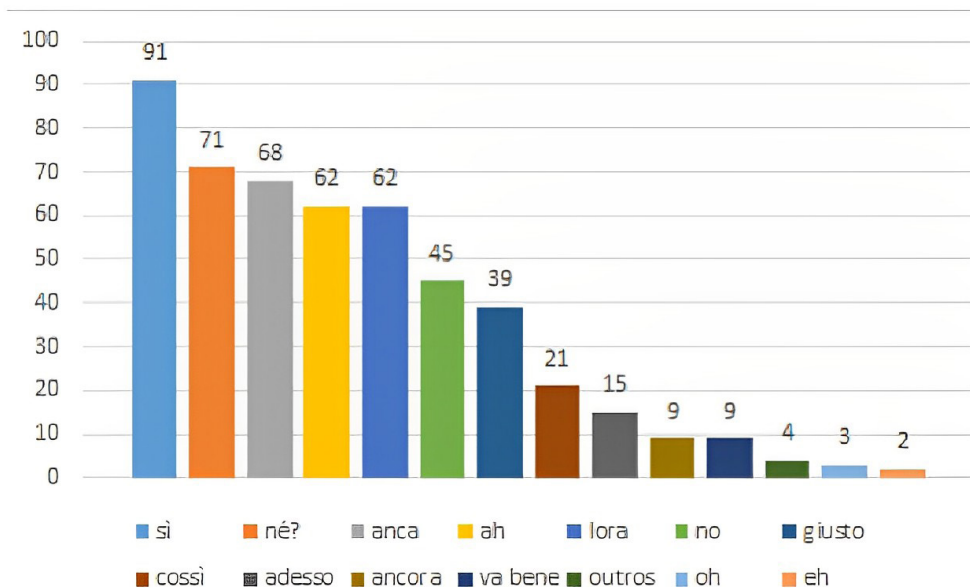
Os Gráficos 3.1 e 3.2, a seguir, apresentam a quantidade e a diversidade de MDs empregados nos dois dias de transmissão do Programa *Un Pochetin dela Itàlia*.

Gráfico 3.1: MDs utilizados pelo locutor no dia 21/01/2018.



Fonte: Zortéa (2019, p. 103).

Gráfico 3.2: MDs utilizados pelo locutor no dia 28/01/2018.



Fonte: Zortéa (2019, p. 104).

Observa-se a partir dos resultados apontados nos Gráficos 3.1 e 3.2 que na primeira transmissão foram produzidas, no total, 373 ocorrências de MDs, a saber: *sì, anca, né?, lora/alora, giusto, ah, cossì, va bene, adesso, no, ancora* e outros (*eh, assim, oh, agora e anche*). Já na segunda transmissão, no total, foram produzidas 501 ocorrências de MDs pelo locutor, a saber: *sì, né?, anca, ah, lora/alora, no, giusto, cossì, adesso, ancora, va bene, oh, eh* e outros (*assim, então, anche e ecco*).

Comparando os resultados das duas transmissões, verifica-se que a maioria dos MDs é empregada de modo recorrente nos dois dias, exceto *agora, então* e *ecco*, que tiveram baixa frequência. Enquanto o MD *agora* teve uma ocorrência no primeiro programa, os MDs *então* e *ecco* aparecem também com uma ocorrência de cada somente no segundo programa.

Dessa forma, constata-se a recorrência de uso de MDs, em maior número (653/874 ocorrências = 75%), do talian e, em menor número (124/874 ocorrências = 14%), do português brasileiro pelo locutor durante as duas transmissões radiofônicas. Dos 19 tipos de MDs identificados, quatro são MDs do português brasileiro (*né?, assim, agora e então*) e 12 são MDs do talian (*sì, anca, lora/alora, giusto, cossì, va bene, adesso, no, ancora, anche, ecco*). Destaca-se que não separamos os três MDs não lexicalizados *ah, eh, oh*, pois são formas encontradas tanto no português brasileiro como no talian. Essas três formas juntas totalizaram 97/874 (11%) ocorrências.

As características da linguagem do rádio e o tempo de duração do programa expressam, de certa forma, o porquê dessa elevada ocorrência de uso dos MDs do talian, porém, outros critérios precisam ser estabelecidos para se verificar se a forma e o significado/função particular dos MDs transferidos do português brasileiro para o talian são resultado de fenômenos do contato linguístico: empréstimo linguístico, alternância de código (*code-switching*) e mistura de código (*code-mixing*).

3.3 FENÔMENOS DO CONTATO LINGUÍSTICO: EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO, ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO (*CODE-SWITCHING*) E MISTURA DE CÓDIGO (*CODE-MIXING*)

O indivíduo bilíngue, devido à sua competência plurilíngue, possui a habilidade, a depender das condições contextuais, de selecionar línguas distintas em uma mesma situação de fala, em seu dia a dia (MACKEY, 1972; BLOOMFIELD, 1972; CANTONE, 2007). Por vezes, a seleção dos diferentes códigos é motivada por aspectos externos, como consequência do cenário histórico, social, econômico, cultural, e também devido a aspectos internos à língua, como a proficiência linguística (CANTONE, 2007), o apego emocional do falante a uma ou mais línguas, a relação do falante com as línguas de que faz uso, por exemplo, ou a aquisição de duas línguas simultaneamente. Logo, considera-se que, “em situações de bilingüismo, deve-se partir da premissa de que as interações verbais vão sempre muito além das meras regras gramaticais” (BORSTEL, 2001, p. 148).

Um dos fenômenos decorrentes do contato linguístico, a ser primeiramente discutido, é o empréstimo linguístico, que pode ser motivado por razões linguísticas, sociais e culturais. O empréstimo linguístico “[...] ocorre com bastante facilidade, mesmo com um contato mínimo – isto é, contato em situações limitadas e num pequeno número de falantes” (BYBEE, 2020, p. 416). Conforme a autora, a maior parte das línguas toma emprestadas palavras de outras línguas, sobretudo quando novos artefatos, objetos ou conceitos, introduzidos a partir de uma cultura diferente, são acompanhados de palavras que designam estes itens.

Segundo Aubert (2003), o empréstimo se dá quando o falante utiliza palavra, expressão ou frase original de uma língua estrangeira, que não tenha tradução na língua materna, ou mesmo quando a palavra proveniente da língua estrangeira possui maior prestígio e, portanto, é escolhida para uso em detrimento da palavra na língua materna, o que faz com que não seja utilizada sua tradução; ou por não haver tradução para a palavra que provém da outra língua, assim, “em tese, o termo, expressão ou frase do original aparece intacto, não traduzido, no texto em língua-meta (LM)” (AUBERT, 2003, p. 28). Depende, portanto, da apreciação da língua da qual é tomado o empréstimo, pois o prestígio dela pode favorecer e o desprestígio desfavorecer o uso de palavras desta outra língua, isto é,

Quando essas comunidades são igualmente dominantes, ocorrem empréstimos mútuos entre as línguas ao passo que, quando as comunidades estão equiparadas em sua não-dominância, ocorrem poucos, ou não ocorrem empréstimos. Contudo, se uma nação exerce uma maior influência sobre outra, sendo, assim, considerada mais dominante, as trocas linguísticas ocorrerão, de forma predominante, da língua da nação de maior influência para a ‘dominada’ (MOLINA, 2010, p. 7).

Curiosamente, numa situação de contato de línguas, é bem conhecido que as palavras de conteúdo, como substantivos, verbos e adjetivos, são geralmente emprestadas da língua majoritária e incorporadas à língua minoritária (CARVALHO; KERN, 2019). No português, são exemplos de itens lexicais tomados de empréstimo do inglês os provenientes do campo da alimentação, da moda e dos esportes e em domínios especializados como negócios, ciência e tecnologia, embora se tenha conhecimento da existência de correspondentes vernáculos:

[...] attach (anexar), link (ligar, unir / ligação), delet (apagar, suprimir), start (iniciar, começar) que, baseadas no modelo português, originam verbos estranhos como “linkar”, “deletar” e “startar”, francamente desnecessários (MANZOLILLO, 2000, s/p).

Esses são exemplos de empréstimo sem a motivação da necessidade, visto que a língua receptora já tem uma palavra para o objeto ou o conceito (BYBEE, 2020). São esses exemplos de empréstimos que têm sido vistos pela maioria das pessoas como algo condenável, que prejudica a língua. Logo, o tratamento do empréstimo como algo benéfico ou não para a língua depende do ponto de vista linguístico e sociocultural de cada indivíduo. Segundo Aubert (2003, p. 27),

O empréstimo, em suas diversas matizes, enriquece as línguas ou as desfigura, a depender do ponto de vista cultural assumido e da correlação momentânea ou duradoura das forças de dominação e de resistência em confronto e a depender, ainda, do recorte sincrônico assumido.

O destino que os empréstimos tomam, porém, é incerto, pois podem permanecer, desaparecer, ou ser substituídos por palavras do próprio vernáculo que tenham a tradução. Podem, também, passar por transformações, inclusive se tornando parte integrante da língua na qual foram incorporados (AUBERT, 2003).

Além de palavras de conteúdo que provavelmente são mais frequentemente emprestadas em situações de contato, palavras gramaticalizadas, como preposições, pronomes, artigos e auxiliares raramente são tomadas por empréstimo (BYBEE, 2020, p. 331). Contudo, de modo geral, propriedades mais estruturais da língua também podem ser emprestadas de outras línguas:

Num sentido lato, ‘empréstimo linguístico’ se refere à importação de qualquer fenômeno linguístico: afixo, desinência, unidade lexical, expressão poliléxica, construção sintática, conceito, etc. Quando se refere a um aspecto específico, como unidade mono ou poliléxica (backup, shopping), falamos de empréstimo lexical ou vocabular. Quando relacionado a afixos (como os xenoconstituintes ciber-, -tube, e-), empréstimo morfológico ou afixal. Quando referente à construção sintática (“Pereira Bar”, como a inversão do inglês), empréstimo sintático, etc. (SILVA, 2021, p. 3)

Bybee (2020) expõe que o empréstimo causa mudanças na língua em que são incorporadas as novas palavras, sendo que

Às vezes os empréstimos têm um impacto sobre a língua receptora para além da expansão do léxico. Novos fonemas podem entrar na língua com os empréstimos, novos padrões silábicos, novas distribuições de fonemas e até alguma morfologia derivacional. (BYBEE, 2020, p. 335)

Dessa forma, além de serem incorporados à língua, muitos casos de empréstimos lexicais não só acabam derivando novas palavras, ampliando e modificando o léxico, mas se integram na fonologia, na morfologia, na sintaxe e na pragmática da língua.

Como outros tipos de empréstimo, o empréstimo pragmático deve ser diferenciado do *code-switching*. Enquanto o empréstimo se refere à mudança linguística induzida pelo contato, a troca de código refere-se à variação sincrônica induzida pelo contato na língua de falantes bilíngues (ANDERSEN, 2014, p. 21). No entanto, como é bem conhecido, pode ser muito difícil separar contextos de *code-switching* de uma única palavra de casos genuínos de empréstimo e, por essa razão, a relação entre os dois é melhor vista como um *continuum*. Haspelmath (2009, p. 40 apud ANDERSEN, 2014, p. 21) propõe critérios para descrição do empréstimo da seguinte maneira:

Se reporten faz parte do léxico mental do falante de alemão australiano, é uma palavra emprestada, caso contrário, é uma troca de palavra única. [...] Do ponto de vista de uma língua inteira (não de um único falante), uma palavra emprestada é uma palavra que pode ser convencionalmente usada como parte da língua. Em particular, pode ser usado em situações em que não ocorre troca de código, por exemplo, na fala de monolíngues. Este é o critério mais simples e confiável para distinguir palavras emprestadas de trocas de palavra única.¹⁰

Portanto, a alternância de códigos (*code-switching*) e a mistura de códigos (*code-mixing*) exigem um extenso bilinguismo, segundo Bybee (2020). Mas não há consenso na diferenciação entre ambas definições, visto haver alguns dissensos quanto à caracterização do termo *code-switching* na literatura e sobre sua diferenciação em relação ao *code-mixing*. O uso de duas ou mais línguas pelo falante bilíngue (ou multilíngue), no entanto, nem sempre ocorre em separado, como muito se pensa. Em diversos momentos de fala, devido ao seu contato e nível de proficiência nas línguas, o falante pode fazer uso de dois ou mais códigos em uma mesma sentença, não comprometendo a compreensão e nem causando prejuízos à situação comunicativa.

A alternância de códigos, conforme Mackey (1972), ocorre com o uso de recursos pertencentes a uma língua enquanto se fala ou escreve outra, o que gera o emprego de palavras e expressões de duas ou mais línguas de forma intercalada. Segundo Poplack (2004, p. 589, tradução nossa),

10 No original: "If *reporten* is part of the mental lexicon of the Australian German speaker, it is a loanword, otherwise it is a single-word switch. [...] From the point of view of an entire language (not that of a single speaker), a loanword is a word that can conventionally be used as part of the language. In particular, it can be used in situations where no code-switching occurs, e.g. in the speech of monolinguals. This is the simplest and most reliable criterion for distinguishing loanwords from single-word switches" (HASPELMATH, 2009, p. 40, grifo do autor, apud ANDERSEN, 2014, p. 21).

Refere-se à justaposição interna de enunciado, de forma não integrada, de elementos linguísticos explícitos de duas ou mais línguas, sem necessidade de mudança de interlocutor ou tópico. A mixagem pode ocorrer em qualquer nível da estrutura linguística, e uma longa tradição de pesquisa tem crescido em torno de questões de escolha de idioma e negociação de linguagem entre interlocutores em contextos bilíngues.¹¹

O *code-switching* é um fenômeno presente em falantes que vivem em comunidades bilíngues e é determinado pela competência do indivíduo em ambas as línguas nas quais realiza a alternância (BORSTEL, 2001). Esse fenômeno pode ser observado no exemplo a seguir, extraído de Costa (2013, p. 33):

They 'was' asking me to (...) to (...) to (...) to give them my cellphone but I said NO. (risos) ai (...) and I had a friend with me and he was very scared and he ei, S3 give it to them. Eu “- let's run man, let's run” não sei que (...) He stayed (...)

Como explica Borstel (2001, p. 147-148), “o grau e a proporção de bilíngue em suas línguas pode estar condicionado ao tópico que estiver falando, à pessoa à qual fala e, também, à tensão da situação na qual fala”. Dessa forma, o ambiente e a relação com o interlocutor com quem o falante realiza o contato também são razões de interferência, condicionamento e motivo pelo qual o bilíngue faz uso de mais de uma língua. Borstel (2001, p. 150) alerta que

Os modelos estudados, para interpretação de code-switching, concentram-se, na maioria das vezes, em dois aspectos diferentes: um no plano linguístico de regras gramaticais, denominados de condicionamentos gramaticais e, o outro, no plano sócio-pragmático, pelo qual se entende a alternância de código como uma estratégia discursiva na interação comunicativa de falantes multilíngues.

A alternância, no entanto, conforme explica Cantone (2007), não é exatamente livre e sem regras que a embasam. Assim como a variação linguística é motivada por regras básicas, a ocorrência do *code-switching* também apresenta suas restrições. Exemplos de estudo do uso alternado de línguas, e organização de sua gramática,

11 No original: “refers to the utterance-internal juxtaposition, in unintegrated form, of overt linguistic elements from two or more languages, with no necessary change of interlocutor or topic. Mixing may take place at any level of linguistic structure, and a long research tradition has grown up around questions of language choice and language negotiation among interlocutors in bilingual contexts” (POPLACK, 2004, p. 589).

podem ser observados nas pesquisas de Vasconcelos et al. (2018) e Lafin (2011), os quais estudam o contato português-espanhol, Margotti (2004) e Borges (2007), que dissertam sobre o contato português-italiano, e Pertile (2009), que estuda o contato português-talian.

A diferenciação entre os fenômenos *code-switching* e empréstimo linguístico é uma das questões que mais gera dúvidas no estudo desses fenômenos. Devido ao processo diacrônico inerente à mudança linguística, torna-se complicada a determinação de quando uma palavra é inserida, a partir de uma língua estrangeira, em uma língua materna (POPLACK, 1980).

Uma das diferenças que podem facilitar a determinação do que se denomina *code-switching* e empréstimo, é o fato de que algumas palavras estrangeiras, como “internet”, “office boy” e “home office”, são utilizadas tanto por bilíngues como por monolíngues, o que acaba se denominando empréstimo linguístico. Enquanto o empréstimo não requer ao falante a fluência em outra língua, o *code-switching* se restringe somente aos bilíngues, que fazem uso fluente de duas ou mais línguas (POPLACK, 1980).

Poplack (1980) também explica que, no caso do empréstimo, o item lexical que é empregado na língua base e importado de outra língua é integrado fonológica, morfológica e sintaticamente. Enquanto isso, no *code-switching*, esse item lexical não é modificado na língua base, mas sim preserva as características de sua língua de origem.

O *code-switching*, ainda, pode ocorrer não somente entre línguas distintas, mas também entre variações de uma mesma língua. Borstel (2001, p. 150) explica que o “code-switching existe entre duas línguas, no discurso, na mudança, bem como, entre diferentes variações de uma língua (como no caso, a língua padrão alemã e a variação de seus dialetos suábio, vestfaliano, francônio e pomerano)”.

Além da alternância de códigos, outro fenômeno de contato linguístico semelhante que pode ser observado na fala de um indivíduo bilíngue é o denominado *code-mixing*. Nesse caso, os itens lexicais e as características gramaticais de dois idiomas aparecem em uma frase (MUYSKEN, 2000). Ainda, o autor explica que o *code-mixing* ocorre quando o falante está usando uma língua específica e realiza a mistura usando elementos de uma segunda língua. Esse caso de mistura de códigos ocorre principalmente em indivíduos bilíngues, na maioria dos casos fluentes em ambas as línguas, mas que em situações informais podem produzir sentenças na quais ocorrem misturas lexicais de ambas as línguas em uso, mesmo sendo proficientes nessas línguas (MUYSKEN, 2000).

Além disso, conforme explica Muysken (2000), muitas das características dessa mistura são determinadas por fatores estruturais da linguagem, pois essa mistura de dois léxicos em uma sentença também segue uma ordem, segundo análises estruturais realizadas sobre a mistura de códigos (*code-mixing*). É exemplo dessa definição da mistura de códigos o trecho retirado da pesquisa de Soares et al. (2012, p. 10, grifo nosso):

A aluna (5) perguntou: ‘Porque o meu tem que ser tão grande?’, ao passo que a teacher respondeu: “Because you wrote a lot”. A aluna (5) replicou: ‘Ah, mas ela [a aluna (3)] também **wrotou** muito e você cortou.

O *code-mixing*, diferentemente do *code-switching*, envolve apenas alguns elementos da língua, unidades linguísticas, e compreende mudanças lexicais nas palavras de uma língua, devido à mistura com outra, como “wrotrou”. De qualquer forma, a troca linguística ocorre em ambos os fenômenos, em graus e formas distintas. A mistura de código ocorre, dessa forma, “sem mudança de tópico e pode envolver vários níveis de linguagem, por exemplo, morfologia e itens lexicais” (WARDHAUGH, 1998, p. 103).

Dessa forma, enquanto o *code-switching* envolve a competência do falante em ambas as línguas alternadas, e mudança completa de uma língua para outra em uma sentença, o *code-mixing* envolve integração de elementos, mistura de ambos os códigos podendo gerar alterações lexicais e morfológicas.

Como visto, os três fenômenos aqui reunidos provêm das situações de contato linguístico. O empréstimo se dá de forma mais frequente no plano lexical embora se possa tomar emprestado outras propriedades discursivo-pragmáticas da língua. Apesar de aparentes semelhanças, os fenômenos do *code-switching* e do *code-mixing* se aproximarem por se caracterizarem pela mudança do uso de uma língua para outra em uma mesma sentença de fala, no entendimento de Grosjean (1982) há no *code-switching*, uma mudança completa de uma língua para outra, enquanto há uma integração dos elementos alternados no *code-mixing*; ou seja, envolve apenas alguns poucos elementos da língua como alterações lexicais e morfológicas. Portanto, para que se possa compreender mais profundamente os três fenômenos e tentar diferenciá-los, na próxima seção, passamos a analisar os MDs encontrados na transmissão radiofônica (ZORTÉA, 2019).

3.4 MDS DO TALIAN E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA TRANSMISSÃO DE UM FALANTE BILÍNGUE: O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Tendo em vista que no trabalho de Zortéa (2019) foram encontrados 19 diferentes tipos de MDs totalizando 874 ocorrências nas transmissões do programa *Un Pochetin dela Itália*, dentre as quais, 124 correspondem a MDs do português brasileiro, já demonstrados na seção 2, passamos a analisar as funções semântico-pragmáticas de cada uma dessas formas presentes na fala em talian do locutor e, desta forma, a identificar em qual tipo de fenômeno do contato linguístico esses MDs se situam. Para isso, selecionamos alguns excertos de fala do locutor em que foi identificado o uso dos quatro tipos de MDs do português brasileiro (*né?*, *assim*, *agora* e *então*) empregados durante as duas transmissões em áudio do programa e observamos se: (i) os MDs empregados em português constituem um empréstimo da língua majoritária em razão da ausência de itens correspondentes na língua minoritária; (ii) os MDs empregados em português também dispõem da mesma função semântico-pragmática no ta-

lian (*code-switching*); e (iii) os MDs empregados em português, além da mesma função semântico-pragmática, passaram por alguma alteração morfêmica em razão do contato com o talian (*code-mixing*).

No trecho (2), o locutor dá início à transmissão e inicia os cumprimentos de modo geral a todos os ouvintes do programa *Un Pochetin dela Itàlia*.

(2) *Bon giorno taliani, bon giorno, porco polastrel, bon giorno al ràdio scoltadore dela Ràdio Caibi ntel novanta sei ponto sete del FM, tuti gente bona, ah, porco polastrel, lè cossì, né? Bon giorno anca quei che varda noantri la ntel facebook, porco cane, la va su bonora, no?*¹² (ZORTEÁ, 2019, p. 95)

Em seguida, passa aos cumprimentos nominais dos ouvintes do programa de rádio:

(3) [...] *Anca, la Maria Aparecida Bransadilse, bon giorno, bon giorno, bon giorno, è la Maria Rosana Mozer manda qua un bon giorno a tuti né?, i ga pie tuti una bona doménega, giusto! [...] Ah, sì, sì, la Maria Aparecida drio che varda noantri là del Tietê, São Paulo, allora un strucon ala ti, a tuti la tua fameia e a tuti ràdio scoltadore anca quei che varda noantri ntel facebook, bon giorno, bon giorno, bon giorno! [...] Un strucon ala Lourdes Brandalise, giusto fioi, che belessa, græssie a valtri che zè drio vardar e anca scoltar il programa qua ntel facebook. Che bon, né? [...] Dopo diese ani ga vol per tornare, medèsimo posto, no, ga visto una cosa, assim, che brileia su te na pianta, ga vardar su el reloio la su te na pianta, pica via, la su la na pianta de diese metri, ndato la foi vardar, ancora che el funsionea.*¹³ (ZORTEÁ, 2019, p. 20)

Nos dois trechos de fala do locutor citado, observamos ocorrências de uso de MDs *no?* do talian e *né?* do português. Em (2), o locutor usa o MD *no?* que compartilha o mesmo valor semântico-pragmático do MD *né?* nas línguas talian e português brasileiro.

12 Bom dia italianos, bom dia, *porco polastrel*, bom dia aos ouvintes da Rádio Caibi na noventa e seis ponto sete FM, todos gente boa, ah, *porco polastrel*, é assim, né? Bom dia também àqueles que nos olham lá no facebook, *porco cane*, levanta cedo, não? (ZORTEÁ, 2019, p. 17).

13 [...] Também, à Maria Aparecida Brandalise, bom dia, bom dia, bom dia, e a Maria Rosana Mozer manda aqui um bom dia a todos, né, e deseja a todos um bom domingo, certo! [...] Ah, sim, sim, a Maria Aparecida que nos aprecia lá de Tietê, São Paulo, então um abraço para você, a toda a sua família e a todos os ouvintes da rádio, também àqueles que nos apreciam no facebook, bom dia, bom dia, bom dia! [...] um abraço à Lourdes Brandalise, certo filha, que beleza, obrigado a vocês que apreciam e também escutam o programa aqui no facebook. Que bom, né? [...] depois de dez anos retornou, ao mesmo lugar, não, viu uma coisa, assim, que brilhava em cima de uma planta, viu o relógio lá em cima da planta, pendurado, lá em cima da planta de dez metros, andou lá e foi ver, ainda que ele funcionava (ZORTEÁ, 2019, p. 20).

Conforme pode ser observado a partir da ocorrência em (2), o MD *no?* é utilizado com entonação ascendente (FERRONI; BIRELLO, 2015) e consiste em um pedido de consenso, uma confirmação. O MD *né?*, por sua vez, também tem função de solicitar a confirmação do que foi dito (URBANO, 1999), conforme demonstra o excerto (3), é usado como forma de pedir o consenso dos ouvintes, mesmo que estes não possam responder, devido ao programa não permitir interação ao vivo.

O MD *né?* em PB, segundo Ferroni e Birello (2015, p. 494),

Aparece geralmente na presença de frases interrogativas utilizadas por aquele que detém o turno da palavra para expressar dúvidas sobre o funcionamento da língua, dúvidas que podem ser de natureza gramatical ou referentes ao desenvolvimento da tarefa atribuída. Trata-se de um sinal que se refere ao consenso. Em I (italiano) é expresso no final do turno por meio de “no?, vero?, non è così?, eh!, dico male?, eh?”, marcadores de pedido de concordância e/ou confirmação [...], e de alguma forma pode indicar que o falante poderia estar disposto a ceder seu turno.

Esses MDs (*né?* e *no?*), cuja função é solicitar a confirmação de algo, tornam-se, então, uma forma de o locutor se apoiar para prosseguir sua fala, ao imaginar que os ouvintes correspondam positivamente ao seu questionamento. Tanto o MD *né?* quanto o MD *no?* são utilizados no fim da sentença e não apresentam mudança lexical ou morfológica nos contextos analisados.

Outro MD presente na fala do locutor é o *assim*, que é frequente na língua portuguesa e sua origem provém do advérbio de modo. Para Castelano e Ladeira (2010), o MD *assim* apresenta como função dar sequência à narração, inserir explicações e marcar hesitação. Ainda, segundo Silva e Macedo (1989), o item evita o silêncio entre as sequências de fala, o que parece ser utilizado no programa para que não haja momentos de silêncio ou hesitação (LONGHIN-THOMAZI, 2006), considerados inadequados no meio radiofônico.

O MD *cossì* do talian possui o mesmo valor semântico-pragmático do MD *assim* do português, conforme se percebe na fala do locutor em (4):

(4) [...] *che belessa, gente bona che sei, ah sì, porco polastrel, l'è cossì, lora um strucon a tuti italiani [...].*¹⁴ (ZORTÉA, 2019, p. 124)

No trecho (5), destacam-se os MDs *então*, da língua portuguesa, e o MD *lora*, da língua talian, ambos possuem origem morfológica de advérbio tempo, são empregados no mesmo excerto e com mesmo valor semântico-pragmático:

14 [...] *que beleza, gente boa que é, ah sim, porco polastrel, é assim, então um abraço a todos os italianos [...]* (ZORTÉA, 2019, p. 124).

(5) *Sonemo tre dopo ndemo casa? Te vea messa anca, tre dopo ndemo casa, dopo se despedimo, então avante, lora, El Ninet, La Nineta, con ei Ragazzi dei Monti, con Valdir Anzolin, Quel Massolin de Fiori, e con Italiani de Anita, La mula del Nono.*¹⁵ (ZORTEÁ, 2019, p. 113)

O MD *lora* tem por função o ato de dar continuidade à fala assim como o MD *então* (SILVA; MACEDO, 1989). Dessa forma, ambos os MDs são utilizados com mesmo sentido no mesmo contexto discursivo. Batista (2014) lista quatro significados contextuais identificados para o MD *então* em português:

- *De concessão a partir do momento que o enunciador concede ao ponto de visto do outro.*
- *De reformulação do argumento, ou seja, para convencer o outro o interlocutor concede ao ponto de vista do locutor, enquanto busca um argumento que o convença.*
- *Na escala argumentativa o conector então pede força argumentativa a partir do momento que concede ao argumento do locutor.*
- *Do ponto de vista prototípico exerce a função conclusiva* (BATISTA, 2014, p. 83).

Outro MD, *agora*, que aparece uma única vez nas transcrições, é empregado na língua portuguesa e tem origem morfológica como advérbio de tempo. Além disso, segundo Silva e Macedo (1989), esse MD desempenha a função de um elemento que inicia uma argumentação. No caso de uso do MD *adesso*, por sua vez, esse MD parece dar continuidade à argumentação e é empregado tanto no talian como no italiano com mesmo significado, porém há, além desta, outras formas (*ora, già, ormai*) nesta última língua. Mesmo o programa sendo em talian, a forma *agora*, do português, também é utilizada, como pode ser percebido no trecho a seguir:

(6) *Te vedi par ndar a riqueza, quanto tempo te demora, agora va su a Chapecó, el reloio grande anca par caminar ei ponteri en torno (risos) tanti quilômetro de pié.*¹⁶ (ZORTEÁ, 2019, p. 114)

15 *Escutemos três e depois vamos pra casa? Ver a missa também, três depois vamos pra casa, depois nos despedimos, então avante então, El Ninet, La Nineta, com Ragazzi dei Monti, com Valdir Anzolin, Quel Massolin de Fiori, e com Italiani de Anita, La mula del Nono* (ZORTEÁ, 2019, p. 113).

16 *Você vê que para ir a Riqueza, quanto tempo te demora, agora vá a Chapecó, o relógio grande também para caminhar o ponteiro em volta (risos) tantos quilômetros a pé* (ZORTEÁ, 2019, p. 114).

(7) [...] *La de Farroupilha el zè, ecco, quel che ga mandar su el pèrseghi a noantri, tre, quatro sol, ma se ghemo mia acertar ntel pèrressio, no? Adesso sì, adesso ghemo pèrsego, sì, spetemo, vien ancora, né?*¹⁷ [...] (ZORTÉA, 2019, p. 114)

Dos MDs citados até aqui, a forma mais frequente foi a do MD *né?* na fala do locutor, ao passo que os demais MDs do português *assim, agora e então*, embora também tenham sido empregados, houve apenas uma ou duas ocorrências de cada forma. Os resultados de nossa análise não mostram que traços discurso-pragmáticos de MDs emprestados resultam no deslocamento dos nativos (cf. SANKOFF et al., 1997; HLA-VAC, 2006; CARVALHO; KERN, 2019; GONZÁLEZ; SILVANO, 2022; LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021), bem como não foi confirmada a adição de MDs ao repertório da língua receptora para cumprir funções de discurso não cumpridas por MDs nativos (CARVALHO; KERN, 2019).

Não foi evidenciado que as ocorrências de MDs em português constituíram um empréstimo da língua majoritária, tendo em vista que MDs com os mesmos valores semântico-pragmáticos também foram empregados em talian (por exemplo, *no/ne?* e *então/lora*). Ou seja, os MDs do português não preencheram nenhuma lacuna lexical, pois equivalentes em talian estavam prontamente disponíveis, por vezes, até no mesmo enunciado do locutor. Bathia e Ritchie (1996) explicam que os empréstimos podem apresentar a função essencial de preencher espaços vazios na língua na qual são incorporados, devido à falta de termos da própria língua. Logo, acreditamos que a competência bilíngue do locutor nas duas línguas, português e talian, permitiu a alternância entre os códigos, fazendo com que ele usasse MDs do talian, seguindo em conformidade com o programa que é apresentado nessa língua, mas permitindo que ele utilizasse, em momentos oportunos, também MDs do português com as mesmas funções semântico-pragmáticas. Por fim, não foi localizado dentre os MDs empregados pelo locutor ocorrências de alteração morfêmica dos MDs em português em razão do contato com o talian, configurando a essência do *code-mixing*.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo compreender os limites de análise dos fenômenos que provêm do contato talian-português brasileiro com base em dados do programa radiofônico *Un Pochetin dela Itália* (ZORTÉA, 2019). Após uma revisão do estudo sobre os MDs em situações de contato linguístico, comparamos o uso de MDs do talian com o uso de MDs do português brasileiro nas duas transmissões do programa. Nossa discussão pretendia saber se os MDs do português eram identificados como instâncias de troca de código, mistura de código ou empréstimo.

17 [...] *Lá de Farroupilha ele é, sim, aquele que mandou os pêssegos a nós, três, quatro só, mas temos que acertar o preço, não? Agora sim, agora ganhamos pêssego, sim, esperamos que venha ainda, né?* [...] (ZORTÉA, 2019, p. 114).

Os três fenômenos – *code-switching*, descrito como a alternância de códigos, o *code-mixing*, compreendido como mistura de um código em outro, e o empréstimo, entendido como o uso de palavras estrangeiras incorporadas a uma língua materna – dependem do contexto de fala, do ambiente em que o falante se encontra, dos sentimentos que o indivíduo nutre pelas línguas que usa e, em suma, da consciência do bilinguismo do falante e seu contato com outros bilíngues. Foi oportuna essa distinção entre os três fenômenos porque cada processo indica um nível diferente de competência do falante nos idiomas. Vimos que um falante que empresta itens de outro idioma pode ser monolíngue, mas o *code-switching* implica um grau de bilinguismo.

Os estudos sintetizados atestaram uma tendência induzida pelo contato linguístico de a língua minoritária incorporar formas e características discursivas pragmáticas da língua majoritária. Observamos, nos dados da pesquisa empreendida por Zortéa (2019) sobre a fala do informante bilíngue talian-português, que os MDs empregados de origem na língua portuguesa surgem, em grande parte, em virtude da rapidez exigida pelo meio de comunicação rádio, visto que esses MDs (*né, agora, assim e então*) são os mais comumente usados pelos falantes do PB, segundo estudos de Silva e Macedo (1989), Martelotta, Votre e Cezario (1996), Freitag (2007, 2008), Castellano e Ladeira (2010), Almeida (2011), Almeida e Marinho (2012), Batista (2014), Zorraqino e Lázaro (1999), Ferroni e Birello (2015) e Freitag, Barros e Evangelista (2017). Dessa forma, a linguagem exigida pelo meio de comunicação (rádio) é um dos fatores que impulsiona o uso de MDs em português, visto que, em alguns momentos, o locutor recorre a eles para dar seguimento a seu discurso.

Foram transcritos excertos da fala do locutor, extraídos da pesquisa de Zortéa (2019), por meio dos quais podemos melhor demonstrar os fenômenos de contato linguístico na fala. Foi constatado que o locutor do programa radiofônico apresenta, essencialmente, a alternância entre os códigos quando emprega os MDs. No entanto, não houve ocorrências de incorporação dessas palavras da língua portuguesa, encontradas na fala do locutor, na língua talian, para que se caracterize mistura de código e empréstimo. Assim, fica claro que esses MDs do português não são palavras ajustadas e emprestadas à língua talian, mas sim palavras de uma língua incluídas em outra durante a fala do indivíduo, que é bilíngue. Como o português brasileiro é a língua majoritária (sociopoliticamente mais dominante) em Caibi, não descartamos a hipótese de, no futuro, os MDs do PB substituírem os MDs do talian (língua minoritária), conforme verificado por (SANKOFF et al., 1997; TORRES, 2002; HLAVAC, 2006; CARVALHO; KERN, 2019; GONZÁLEZ; SILVANO, 2022; LOREGIAN-PENKAL; BALTHAZAR, 2021; CARVALHO; KERN, 2019).

Por fim, após a constatação de que o locutor apresenta, dos três fenômenos descritos, o *code-switching*, futuramente, seria interessante a realização de uma pesquisa que coletasse, por meio de entrevistas, a fala de informantes proficientes na língua talian, para identificar os fenômenos de contato também em contextos menos monitorados, isto é, onde há menor pressão do meio.

A relevância deste estudo se deve a dois fatores. O primeiro é de natureza linguística, uma vez que se propõe a discutir os limites metodológicos para análise do uso de um fenômeno discursivo frequente na fala de um informante bilíngue numa situação

de contato. O segundo fator é de natureza histórico-social, pois permite descrever o bilinguismo de uma localidade do Sul do país, na qual parte dos indivíduos possuem como primeiras línguas o português brasileiro e o talian. Além do intercâmbio cultural, a troca que provém desse contato linguístico pode propiciar a mudança linguística.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniel M. V. *Seja como for e seja como fuere: marcadores discursivos? Uma análise do uso dessas expressões em artigos de opinião brasileiros e argentinos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo V. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português). *In: Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ANDERSEN, Gisle. "Pragmatic Borrowing". *Journal of Pragmatics*, v. 67 p. 17-33, 2014.
- AUBERT, Francis H. As variedades de empréstimos. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, Volume 19, Número: spe, Publicado: 2003.
- BATHIA, Tej K.; RITCHIE, William C. *The handbook of bilingualism*. Massachusetts: Blackwell publishing, 1996.
- BATISTA, Magno S. *Marcadores discursivos: revisitando os conceitos e a análise linguístico-discursiva em gêneros da esfera jornalística inseridos no manual didático*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC, Ilhéus, BA.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, 1972.
- BORGES, Maria I. Um caso de variação de gênero de Santa Catarina: contato linguístico entre o português e o italiano. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 5, p. 1-26, 2007.
- BORSTEL, Clarice N. von. O code-switching sob a visão do modelo variacionista. *Uniletras: Ponta Grossa*, 2001. v. 23, n. 1, 2001.
- BYBEE, Joan. *Mudança linguística*. Vozes: Rio de Janeiro, 2020.
- CALDIZ, Adriana. Demarcación discursiva, prosodia y polifonía: Bien, bueno y altura tonal en el discurso académico oral. *In: NEGRONI, María Marta García. Marcadores del discurso: perspectivas y contrastes*. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2014.
- CAMBRUSSI, Morgana F. O efeito das políticas de promoção linguística para as línguas de imigração: o caso do talian e do italiano. 2007. *Revista Língua e Literatura, Frederico Westphalen*, v. 9, n. 13, p. 53-68, 2007.

- CANTONE, Katja F. *Code-switching in bilingual children*. Springer: Netherlands, 2007.
- CARVALHO, Ana M.; KERN, Joseph. The permeability of tag questions in a language contact situation: the case of Spanish-Portuguese bilinguals. *Pragmatics*, v. 29, n. 4, p. 463-492, 2019.
- CASTEL, Juvenal D.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; TONUS, João W. (orgs.). *Talian par cei e grandi - Gramática e stòria*. Pinto Bandeira: Araucária, 2021.
- CASTELANO, Karine L.; LADEIRA, Wânia T. Funções discursivo-interacionais das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” em narrativas orais. *Letra Magna*, v. 6, n. 12, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. CASTILHO, A. T. de. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989. p. 249-279.
- COSTA, Marcelo A. M. da. *Code-switching em salas de aula de língua inglesa*. 2013. 128 p. Dissertação de mestrado (Letras). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- FERRONI, Roberta; BIRELLO, Marilisa. “Buono stiamo praticando”: análise comparativa dos sinais discursivos utilizados em situações interativas entre aprendizes de línguas próximas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 54, n. 3, 2015.
- FREITAG, Raquel M. Ko. Marcadores Discursivos Interacionais na Fala de Itabaiana/SE. *Revista do Gelne*, v. 10, n. 1, p. 21-32, 2008.
- FREITAG, Raquel M. Ko. Marcadores Discursivos não são vícios de Linguagem! Interdisciplinar – *Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2007.
- FREITAG, Raquel M. Ko.; SILVA, Rosângela Barros da; EVANGELISTA, Flávia Regina de Santana. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. *Diacrítica*, v. 31, n. 1, p. 1-20, 2017.
- GÖRSKI, Edair M. Espectro funcional de bem e bom no português falado: instâncias de gramaticalização. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 131-158, 2020.
- GROSJEAN, François. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.
- HEINE, Bernd. On discourse markers: Grammaticalization, pragmaticalization, or something else? *Linguistics*, v. 51, n. 6, p. 1205-1247, 2013.
- HLAVAC, Jim. Bilingual discourse markers: Evidence from Croatian-English code-switching, *Journal of Pragmatics*, Volume 38, Issue 11, 2006, p. 1870-1900.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Histórico de Caibi*, Santa Catarina. 2010.

- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Língua Talian*. 2014.
- JUBRAN, Clélia C. A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 427-496.
- LAFIN, Gabrielle C. *O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português e Espanhol) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia R. Gramaticalização, (inter)subjativização e modalidade epistêmica: o caso de ‘assim’. *Estudos Linguísticos XXXV*, São Paulo, p. 1772-1779, 2006.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi; BALTHAZAR, Luciana L. Contato Linguístico Português Brasileiro-Talian em Santa Felicidade (Curitiba) e Colombo, Paraná. *Web Revista Sociodialeto*, v. 11, n. 33, p. 1-39, 2021.
- LUZZATTO, Darcy L. *Dicionário Português Talian: Dissionário Portoghese Talian*. →Lages: Araucária, 2010.
- LUZZATTO, Darcy L. *Talian vêneto brasileiro: noções de gramática, história & cultura*. Porto Alegre: SAGRA-D.C. LUZZATTO Editores, 1994.
- MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. *Readings in the sociology of language*. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.
- MANZOLILLO, Vito C. de O. Empréstimo linguístico: necessidade ou modismo? *Anais de filologia*, Piauí, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. CASTILHO, Ataliba (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-322.
- MARGOTTI, Felício W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- MARTELOTTA, Mário E. T.; ALCÂNTARA, Fabiana. Discursivização da partícula né? In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. (org.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 277-292.
- MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. (org.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MESQUITA, Rodrigo. Empréstimos linguísticos e code-switching em akwêxerente/português: contribuições para a sociolinguística, para a educação indígena e para o povo akwê. 2016. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 339-362, 2016.

- MOLINA, Daniele de S. L. Empréstimos linguísticos no campo lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa. 2010. *Revista Gatilho*, v. 11, 2010.
- MUYSKEN, Pieter. *Bilingual Speech: A Typology of Code-Mixing*. Cambridge: Cambridge: University Press, 2000.
- NEGRONI, María M. G. Presentación-Marcadores del discurso: perspectivas y contrastes. In: NEGRONI, María Marta García. *Marcadores del discurso: perspectivas y contrastes*. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2014.
- OLIVEIRA, Fátima; SILVA, Fátima. Para uma comparação dos marcadores discursivos bem e bom em português europeu em contraste com well em inglês. In: DUARTE, Isabel Margarida; LEÓN, Rogelio Ponce de (eds). *Marcadores discursivos. o português como referência contrastiva*. Berlin, Germany: Peter Lang Verlag, 2020, p. 207-226.
- PERTILE, Marley T. *O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- POPLACK, Shana. Code-switching. Sociolinguistics/Soziolinguistik. In: AMMON, U. et al. (orgs.). *An international handbook of the science of language*. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. p. 589-596.
- POPLACK, Shana. Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL: toward a typology of code-switching. *Linguistics*, n. 18, 1980, p. 581-618.
- RISSE, Mercedes S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. NEVES, Maria Helena M. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. Vol. VII.
- RISSE, Mercedes S.; SILVA, Giselle M. O.; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. 4. p. 21-94.
- RISSE, Mercedes S.; SILVA, Giselle M. O.; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. v. 1. p. 427-496.
- ROST SNICHELOTTO, Cláudia A. “Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- ROST SNICHELOTTO, Cláudia A.; DAL MAGO, Diane. A contribuição de Edair Maria Görski para a descrição de marcadores discursivos do português falado em Florianópolis. *Work. Pap. Linguíst.*, 22(Especial), Florianópolis, 2021. p. 32-65.

- ROST SNICHELOTTO, Cláudia A.; GÖRSKI, Edair M. (Inter)subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização. 2011. *Alfa*, v. 55, n. 2, 423-455, 2011.
- ROST, Cláudia A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- SALMONS, Joe. Bilingual discourse marking: code switching, borrowing, and convergence in some German-American dialects1. *Linguistics*, v. 28, p. 453-480, 1990.
- SANKOFF, Gillian *et al.* Variation in the use of discourse markers in a language contact situation. *Language Variation and Change*, v. 9, n. 2, p. 191-217, 1997.
- SANTOS, Miriam de O.; ZANINI, Maria C. C. Especificidades da identidade de descendentes de italianos no sul do Brasil: breve análise das regiões de Caxias do Sul e Santa Maria. *Antropolítica*, Niterói, n. 27, p. 21-41, 2009.
- SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden, MA: Blackwell, 2003. p. 54-74.
- SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers: language, meaning and context*. In: SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, Fernando M. da. Achegas ao fenômeno do empréstimo linguístico: redefinindo os termos empréstimo e estrangeirismo. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, v. 20, n. 2, jun. 2021.
- SILVA, Giselle M.; MACEDO, Alzira. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, Alzira; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria C. (orgs.). *Revista Tempo Brasileiro*, 1989. p. 11- 49.
- SOARES, Mariana S. *et al.* A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências linguísticas. *Revista Gatilho*. v. 15, 2012.
- TONIAL, Honório. *Dicionário português/talian*. Porto Alegre: Suliani-editografia LTDA, 1997.
- TORRES, Lourdes. *Bilingual discourse markers in Puerto Rican Spanish*, 2002.
- UN POCHETIN dela Itália. Locutor: Arinei Brandalise. Caibi, SC: *Rádio Caibi 96.7 FM*, 21 jan. 2018. 1 áudio (3h).
- UN POCHETIN dela Itália. Locutor: Arinei Brandalise. Caibi, SC: *Rádio Caibi 96.7 FM*, 28 jan. 2018. 1 áudio (3h).
- URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais: o caso do “né?”. *Estudos Linguísticos*. *Anais dos Seminários do GEL*, 23 [2], 1994. p. 1430-1437.

- VASCONCELOS, Rita de C. F. de M. *et al.* Fenômenos de Contato da Língua entre Espanhol e Português. ID on line. *Revista de Psicologia*, v. 12, n. 40, p. 1236-1247, 2018.
- WALTEREIT, Richard; DETGES, Ulrich. Different functions, different histories. Modal particles and discourse markers from a diachronic point of view. *Catalan Journal of Linguistics*, v. 6, p. 61-80, 2007.
- WARDHAUGH, Ronald. *An Introduction to Sociolinguistics*. New York: Brasil, 1998.
- ZORRAQUINO, Maria A. M.; LÁZARO, José P. *Los marcadores del discurso*. 1999.
- ZORTÉA, Tamires R. *Marcadores discursivos do Talian no programa radiofônico Un Pochetin dela Itàlia em Caibi, Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.